

O ESTUDO DE PAISAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis¹
ARAÚJO, Geovana Oliveira²
SILVA, Jeane Oliveira da³

Resumo: A sala de aula é um território em constante mudança em que o docente precisa ter o domínio de várias técnicas, além do próprio conteúdo a ser trabalhado para que os alunos sintam prazer em estudar. Vive-se um momento atribulado na educação, as escolas e os professores não conseguem acompanhar o avanço visto na sociedade como um todo, e isso se reflete na postura do aluno que já vê a sala de aula como um local enfadonho e sem muito a ver com a sua vida. Tendo em vista o exposto, este trabalho propõe uma reflexão sobre novas formas de se trabalhar conhecimentos presentes na sala de aula tendo uma conexão com outras disciplinas, ou seja, tentar deixar aos poucos o ensino disciplinar, e favorecer as práticas interdisciplinares. Objetiva-se nesta pesquisa, 1) refletir acerca dos conceitos de interdisciplinaridade; 2) entender como o estudo de paisagem pode contribuir para as aulas de língua portuguesa em sala de aula; 3) apresentar sugestões de como o ensino de paisagem pode ser usado nas aulas de LP a partir de uma proposta interdisciplinar. O artigo está pautado em uma perspectiva qualitativa de natureza descritiva e teve como instrumentos de coleta de dados a análise bibliográfica além da análise documental. Este é o recorte de uma pesquisa desenvolvida no grupo de estudo em Linguagens, Culturas e Identidades – UFMA, as conclusões parciais são de que com a introdução do estudo de paisagem os alunos conseguiram ler detalhes nos textos antes não observados.

Palavras chave: Paisagem, Interdisciplinaridade, Língua Portuguesa.

Introdução

Ensinar e aprender nos dias atuais em que a educação passa por um momento conturbado, principalmente em virtude dos baixos níveis educacionais apresentados pelo Brasil nos últimos anos, fruto de uma deficiência considerável na interpretação de textos, principalmente, nas disciplinas de língua portuguesa, o que acaba por causar um efeito cascata, atingindo outras disciplinas que necessitam dessa leitura crítica (SILVA FILHO, 2014).

¹ Doutorando em Letras - Linguagem e Sociedade pelo PPGL - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Mestre em Educação pelo PPGE da UCB, pesquisador do NUPESDD - Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul-UEMS, CEPAD - O Centro de Pesquisa em Análise do Discurso da mesma Universidade e do Grupo de Linguagens, Cultura e Identidades – GPLiCI da UFMA nicomedes@gmail.com

²Graduada do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus São Bernardo e vinculada ao Grupo de Pesquisa em Linguagens, Cultura e Identidades – GPLiCI da UFMA e-mail: geovanaraujo3@gmail.com

³ Graduada do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus São Bernardo e-mail: jeane208@gmail.com

Diversificar a forma com que se ensina é fundamental para que se tenha êxito na dura tarefa que é levar educação de qualidade a quem precisa, e de uma forma diferente da convencional.

Neste estudo se apresentará um vetor da geografia que tem sido muito usado nas aulas de língua portuguesa e principalmente nas aulas de literatura, a saber, o estudo de paisagem. Este estudo vem ganhando força nos últimos anos, de forma que tem sido usado para aproximar a forma de ler dos educandos, não só nas aulas de geografia, mas em disciplinas que são afins.

Embora se busque esse alargamento da leitura para além do que se vê à primeira vista, encontra-se uma grande barreira nas escolas, a persistência em modelos obsoletos de ensino e currículos engessados que resistem até os nossos dias. Atitudes como essa fazem alusão à educação bancária mencionada por Freire (2012), que fragmenta o ensino e diminui a percepção dos alunos para com a real funcionalidade da educação, que é de ser emancipatória.

Ao longo deste trabalho se observará como o estudo de paisagem pode ser usado em sala de aula, trazendo uma nova forma de se pensar o ensino de língua e literatura tendo um enfoque interdisciplinar.

A Interdisciplinaridade

A presença da interdisciplinaridade na educação apresenta muitos desafios, mais especificamente na língua portuguesa, é continuamente negociada entre os “microespaços” com a sala de aula. Como já apontamos aqui, a crescente criação de meios específicos para abordar essa prática tem somado muito na educação brasileira, acompanhar esses avanços traz novamente à tona o universo acerca desses conceitos. Os argumentos em defesa destes variam, em consistência e no enfoque teórico que os sustentam, visitar tais argumentos nos traz indicadores de alguns estudos na área que enfatiza a sua apropriação e reconhecimento, nesse contexto Thiesen (2009, p. 546) reconhece a interdisciplinaridade como um processo que veio reestruturar o ensino, para ele: “A interdisciplinaridade, como um movimento contemporâneo que emerge na perspectiva da dialogicidade e da integração das ciências e do conhecimento, vem buscando romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes”.

A partir desse quadro, refletir sobre os conceitos desta, com o intuito de melhorar a qualidade acerca do ensino pode ser visto como uma condição especial de desenvolver o conhecimento, essas teorias são como sistemas de trocas intensas e reflexivas sobre conteúdos diversos. Sabendo que a interdisciplinaridade contempla três vertentes básicas que são os aspectos epistemológicos da questão, as questões sociais ou tecnológicas sob a perspectiva das proximidades instrumentais e a terceira que se dirige para o professor introjetado na sua pessoa

e no seu agir, neste contexto vislumbram mais do que conteúdos fragmentados, prevê essencialmente uma vivência integradora entre sujeito e sociedade, auxiliando-o a compreender e modificar a sua realidade, bem como desenvolver a sua autonomia intelectual através de competências, sem valorizar apenas um ponto de vista.

Ao ater-se a esse processo de mediação criam-se, condições para novos encontros e possibilidades, mais do que uma função educativa os teóricos defendem essa prática com uma faceta suficientemente atrativa para poder auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, podendo ser vista como uma instância privilegiada para que os alunos possam fazer um paralelo entre diferentes áreas dentro de um contexto sem fragmentá-lo. Porém verifica-se que os conceitos, pelos modos dos quais a interdisciplinaridade pode ser construída e apreendida espalham-se nos aportes teóricos visões de que não há obviedades e sim caminhos que nos conduzem á seu entendimento de modo amplo e objetivo. Sob essa perspectiva Brasil (1999) vê a interdisciplinaridade como algo que pode gerar conexões entre linguagens e saberes, além de contextualizar, moldar os elementos constituintes de determinadas disciplinas em questão assim descreve:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. BRASIL (1999, p. 89 apud BONATTO *et al.* 2012, p. 3).

O que vale ressaltar é que a interdisciplinaridade pode ser tomada como uma gama de conhecimento que se permite aos aprendizes percorrer todos os quesitos que envolvem as especificidades de diferentes áreas o que nos leva a dizer que a teoria não fica restrita a forma e técnicas, mas á inter-relação de informação, vivência e reflexão que faz a moldam, desse modo faz-se necessário reexplorar as fronteiras das disciplinas científicas e as zonas intermediárias existentes entre elas, cuidando de organizar os saberes científicos e as parcelas de contribuição de cada uma das disciplinas sempre buscando o desenvolvimento integral do ser humano e sua melhor adequação na sociedade.

Para efeito de discussão sobre interdisciplinaridade de modo geral, embora não exista uma definição concreta para o tema, denota-se que a interdisciplinaridade tece uma rede de informações que se entremearam por meio dos confrontos e encontros ocorridos entre os conteúdos aprendidos e os conhecimentos prévios, o processamento destes e o intercâmbio com experiências de outros participantes, resultando assim na necessidade de novas formas de lidar

com aquele conhecimento. Desse modo configurasse como um diálogo entre as disciplinas, exigindo coerência, qualidade e aproximação dos conteúdos ali em foco, portanto pode ser uma forma de ampliar o conhecimento, em sua rede infinita de relações, em sua complexidade.

O Estudo de Paisagem

Até a década de 1970, a Geografia era desenvolvida de forma neutra. Ela trabalhava somente a descrição e a memorização dos elementos da paisagem sem, esperar que os alunos estabelecessem relações ou analogias. Desse modo, era trabalhada a Geografia Tradicional. Nosso trabalho terá como foco o estudo da paisagem, a língua e a literatura.

Com o desenvolvimento do capitalismo era preciso realizar estudos voltados para análise das relações mundiais, análises essas também de ordem econômica, social, política e ideológica, pois as cidades urbanas estavam em constantes transformações, assim como no campo de modo que não dava para explicar os fenômenos de forma empírica. Entram em cena os estudos científicos exercendo forte influência nas pesquisas no campo da Geografia. Surge, então, a Geografia Marxista que segundo ela não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo, sendo o homem o único ser capaz de transformar o espaço a sua volta.

Segundo o (PCN/ Geografia, 1998, p.72) “A Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”. Significa que a formação histórico/social de um povo modifica a natureza o que antes era verde hoje são construções de concreto e principalmente deve ser explicado que grupo social está se formando naquela determinada localidade e a paisagem que era já não existe mais. Na visão de Santos (2006, p. 67)

[...] A palavra paisagem é frequentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas uma porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão.

Para ele tudo que nossa visão consegue visualizar é paisagem. A configuração territorial é a composição de um determinado lugar ou espaço sendo esta composição natural ou artificial. Pereira (2012) faz a distinção entre lugar e espaço. Para Pereira (2012, p. 27)

O lugar é aquele ambiente em que as pessoas se reconhecem por se sentirem parte de um espaço detentor de características intrínsecas produzidas por uma comunidade. Tais características dão uma identidade ao espaço, identidade esta proveniente das pessoas, que, por meio de sua cultura, imprimem marcas peculiares ao lugar.

Nesse lugar é constituído um grupo social que se sente com um sentimento de pertencimento sendo inevitável a construção de um espaço repleto de histórias, inclusivo da formação de uma língua pertencente aquele grupo social. Para Pereira (2012, p. 31)

Espaço é o lugar quando se leva em conta que está em estreita correspondência com o social, com o vivido, gerando significados para as pessoas; e também o espaço visível, repletos de componentes humanos, como uma casa, um bairro, e/ou componentes naturais formando as paisagens.

O espaço é o lugar em que as intervenções humanas são visíveis na interação entre o natural e o social. Já para Santos (2006, p. 66) A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. Ficando mais claro as intervenções humanas com as relações sociais entre o homem e a natureza.

Tudo que foi pontuado até o momento é para entrarmos nos ambientes ou espaços no processo de socialização da criança que começa na família, se estende aos amigos e inclui a escola. Que segundo Bortoni-Ricardo (2004) esses ambientes são chamados de *domínios sociais*. Bortoni-Ricardo (2004, p. 23) relata que: “Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no processo de interação humana”.

Nesse processo de interação social a comunicação familiar é fundamental para o desenvolvimento dos educandos. Quando a mãe fala com o filho, ela utiliza uma forma de linguagem e quando estão com seus amigos ou colegas utilizam outra forma e a escola, apesar de tantos estudos sobre a língua portuguesa, tenta uniformizar a língua por meio do ensino da gramática. A gramática analisa frases isoladas do contexto e a linguística analisa as interações sociais e a situação de uso, o contexto no qual o enunciado está inserido.

Segundo o PCN/ Língua Portuguesa (1998, p. 20) a “língua é um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade”. Fica clara a função da escola quando Bagno (2002, p.80) relata que no que diz respeito à língua a escola tem como objetivo “formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade”. Na sociedade contemporânea o ensino da língua pode e deve ser feito através da literatura.

O que tem a ver o ensino da língua com a literatura? A literatura é o modo prazeroso com o que as crianças, adolescentes e adultos podem e devem ter acesso à língua de modo não obrigatório e sim de forma prazerosa.

É na escola o espaço apropriado e privilegiado que deve preparar a formação do indivíduo. Para Coelho (2000, p.16) relata que:

Nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura de mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente.

No espaço escolar é o local que a literatura deve se fazer presente é através das narrativas que os leitores podem visualizar as paisagens contidas nas narrativas explorando todo o conhecimento de mundo dos alunos sem perceberem estão apreendendo a língua brasileira sem ter que decorar regras gramaticais.

A Geografia trabalha interligada com a língua e a literatura e só é percebível quando o professor de geografia e Língua Portuguesa em parceria. Apesar de a educação brasileira trabalhar de forma disciplinar isso não é empecilho para que o conteúdo do estudo da paisagem seja trabalhado atrelado a Língua Portuguesa e a Literatura.

A escola não deve ser vista como um lugar rígido, ditador e disciplinador, mas como um espaço libertador e o professor é o ser que orienta para que o educando possa alcançar o seu autoconhecimento e ter acesso ao mundo da cultura que é uma das principais características da sociedade a qual ele pertence. Quando o professor orienta dando-lhe a direção ele começa a criar suas próprias hipóteses chegando um dado momento que conseguirá caminhar sozinho. O educador é o ser capaz de liberar as potencialidades dos seus alunos.

O Estudo de Paisagem em Sala de Aula

A busca por aulas que sejam mais cativantes, e significativas nas vidas dos alunos tem sido motivo de inquietação por parte dos professores, estudiosos e da supervisão escolar, sabe-se que a escola como um todo não consegue acompanhar o ritmo que a sociedade imprime aos cidadãos. Vive-se uma estagnação no que tange o ensino-aprendizagem, e a sala de aula deixou há muito de ser um local onde se produza conhecimento de forma significativa.

Tendo como principal objetivo, o aprender vem sendo cada vez mais deixado de lado, mas se pode pensar, se isso está acontecendo, por que se vai à escola em nossos dias? Esse

questionamento causa desconforto a quem trabalha na educação há anos. O que se tem observado no cotidiano escolar é um professor que dá uma aula nos moldes de como ele mesmo aprendeu, e a reprodução de práticas que são desaconselháveis desde o século passado.

A educação bancária aprontada por Freire (2012) como uma das causas da fragmentação dos conhecimentos na escola vem sendo ainda em nossos dias sendo amplamente utilizada. As caixas do conhecimento abrem-se e fecham-se como nos séculos passados. Nesse interim, emerge um pacto, em que docentes e discentes travam uma batalha, professores com receio de sair da zona de conforto em que se encontram e os alunos querendo mudanças e por sentir que as mesmas não veem, acomodam-se e fortalecem esse pacto que só reforça uma prática do perde-perde, que não corrobora para uma educação emancipatória e produtora de conhecimento (FREIRE, 2011, 2012; LASZLO, 2001).

Para se resgatar o interesse nas aulas é preciso que se trave uma batalha contra a acomodação, fruto de uma educação disciplinar, em que cada docente é dono do conhecimento de sua disciplina. A necessidade de se mudar todo um processo há muito tempo caduco é notória. Mas como fomentar uma mudança na postura do docente? E como trazer de volta à sala de aula a motivação necessária para uma educação que seja contextualizada?

A princípio se poderia pensar, pode-se informatizar a aula, já que alunos e professores tem acesso a muitas ferramentas por meio da internet, e o acesso a essa informação está cada vez mais democratizado. Mas e nos locais onde a conectividade é limitada e/ou há falta da mesma? Pode-se fazer muito mais utilizando os materiais encontrados na escola, e com sucata disponível nas residências dos alunos. Para isso se propõe um trabalho em conjunto entre os professores das disciplinas, uma proposta de trabalho interdisciplinar.

Sabe-se que não é fácil essa integração entre os professores e suas disciplinas, o aluno deve ser o foco principal dessa empreitada. A princípio, pode-se trabalhar com de forma interdisciplinar nas aulas do dia a dia, em projetos pedagógicos, e outras atividades em desenvolvidas na escola.

Mas como propor uma atividade em que se possa trabalhar de forma interdisciplinar utilizando o estudo de paisagem em sala de aula? Como motivar os alunos a participarem das aulas sem que se desvie do foco principal da escola, que é o de educar para a vida?

Propostas de estudo em sala de aula

Inicialmente, o professor deve buscar algo que seja integrador, algo que faça o aluno sair da caixa em que ele se confinou. A proposta em questão envolve a elaboração de um projeto

de leitura para as aulas de língua portuguesa tendo na literatura e no teatro seus braços mais fortes. O projeto que traga a leitura da literatura de cordel para a sala de aula, com um enfoque mais teatral pode ser a porta de entrada para que o aluno consiga refletir acerca da paisagem e entender como é importante seu uso em sala de aula.

Na proposta do projeto envolvendo a literatura de cordel, se buscará montar um cenário que reproduza as cenas vividas na literatura supracitada, deixando em evidência os elementos que compõem as cenas.

Ao se reproduzir os cenários apresentados nos textos, pode-se fazer um resgate das memórias vividas pelos mais velhos (pais, avós e membros mais antigos da comunidade), refletir acerca da vegetação encontrada nos textos, e da sua importância naquela história e para as personagens, bem como refletir acerca da identidade dos habitantes da de cada localidade. Só com essa pequena atividade, se pôde resgatar conhecimentos de quatro disciplinas: língua portuguesa/ literatura, geografia, história e teatro.

A paisagem entra como elemento “enzimático”, por proporcionar uma quebra e processamento dos conhecimentos que eram vistos como disciplinares e nesta proposta se apresentam como interdisciplinares.

Através da leitura da paisagem apresentada nos livros de cordel, pode-se vislumbrar de forma mais clara a importância da integração das disciplinas por uma proposta interdisciplinar. Não se propõe que cada docente faça uma aula isolada, espera-se que ao se sentar para elaborar o projeto cada um diga como pode colaborar com o outro para que a aula seja mais contextualizada e mais significativa para os alunos. Um planejamento bem amarrado, baseado em uma proposta interdisciplinar aliado a um projeto pedagógico amplo, mas bem estruturado, pode proporcionar aos discentes a oportunidade de ler o mundo com outros olhos, fazer com que as leituras sejam cada vez mais profundas e percamos a superficialidade de um ler mecânico e descompromissado.

Para um projeto com esse sugerido, se precisará de tempo para conversas em grupo, primeiro dos docentes com seus pares e depois dos mesmos com os discentes, para sempre reavaliar os rumos do projeto pedagógico. Essa etapa é necessária para que se for o caso, recolocar o projeto no caminho dos objetivos que ele tem de trilhar.

Um momento necessário é a socialização dos conhecimentos e do que foi produzido em sala de aula no período em que o projeto esteve em execução. Não se deve desistir do projeto caso o mesmo não tenha conseguido no tempo proposto alcançar os objetivos traçados inicialmente. O aprendizado com os erros ajuda na elaboração e condução de novos projetos.

Outro ponto a ser enfatizado na socialização é integração da escola, espera-se que todas as turmas sejam envolvidas, mas caso isso não seja possível, pelo menos as turmas da mesma série devem trabalhar em conjunto.

O estudo de paisagem pode ser bem explorado em sala de aula, basta que os docentes o busquem levando em consideração suas possibilidades e potencialidades no ensino de cada disciplina.

Além do projeto pedagógico, pequenas atividades podem ser usadas para potencializar o ensino partindo do estudo de paisagem. Para disciplinas como Língua portuguesa, Geografia e História, pode-se pensar em júris simulados, rodas de leitura e passeios em locais que se possa fazer um paralelo com os espaços contidos nas aulas das disciplinas mencionadas. Há locais muito ricos nas cidades que apresentam uma quantidade bem significativa de informações e que podem ser úteis para um melhor entendimento de algumas situações contidas nas aulas.

Propomos a baixo, em forma de sugestão, um modelo de projeto a ser aplicado em sala de aula, o mesmo pode ser adaptado para diversas séries tanto Ensino Fundamental como no Ensino Médio, respeitando a diversidade e especificidade de cada público que será contemplado com a ação.

PROJETO: O cordel em sala de aula em texto e xilogravura.

RECORTE TEMÁTICO: O cordel e suas possibilidades em poesia nas artes

FREQUÊNCIA: Terça (40 minutos) e Quinta (40 minutos).

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: quatro semanas: 23 de outubro de 2012 a 20 de novembro de 2012.

OBJETIVOS

Estudar o gênero cordel e suas variações;

Entender e valorizar a identidade do nordestino narrado nos versos do cordel;

Compreender a raiz dos preconceitos relativos à cultura nordestina, desconstruindo-os;

Discutir, por meio das rodas de conversa, o preconceito, a discriminação e o racismo nos meios de comunicação (livros, escolares, literatura, televisão, publicidade), buscando formas de trabalhar isso nos cordéis.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com os objetivos citados, a execução do projeto será realizada levando em consideração as necessidades da turma e a realidade local. O tema será desenvolvido na sala de aula por meio de atividades relatadas abaixo. Os alunos devem fazer pesquisas no entorno da comunidade, observações indiretas em ilustrações e/ou vídeos, experimentações e leituras, o material coletado será utilizado para a confecção dos versos dos cordéis, auxiliado pelo docente.

ATIVIDADES

Jogos de tabuleiro com personagens, grandes vultos nordestinos e acontecimentos marcantes da cultura do sertanejo do Nordeste;

Roda de leitura – Cordéis selecionados abordando temas cômicos;

Roda de leitura – Cordéis selecionados abordando temas atuais;

Vídeo sobre cordelistas;

Vídeo sobre cultura popular do Nordeste;

Trabalhar a produção de desenhos em lápis de colorir e xilogravura por meio de técnicas variadas;
Produção com artes que comporão os livretos;
Nas rodas de leitura, serão explorados os aspectos tanto verbais como não verbais dos cordéis, bem como a leitura da paisagem contidas nos cordéis.

CULMINÂNCIA

Diário com as impressões sobre cada atividade desenvolvida na escola;
Painel com fotos, desenhos e textos mais bem elaborados;
Exposição do material produzido pelos alunos (cordéis, xilogravuras, capas de cordéis e fotos da produção do material).

Considerações Finais

O estudo de paisagem tem suas raízes na geografia, sendo por meio da interdisciplinaridade, amplamente usado no ensino de língua portuguesa e literaturas. Na geografia ele vai para além do mapa usado em sala de aula, o estudo nos faz refletir um pouco mais, observar o meio em que as situações são impostas. Outro campo que o estudo pode ser aplicado é na História, onde a leitura é muito mais profunda que os textos, alguns documentos são muito ricos e registros como fotografias, mapas, quadros de épocas remotas nos fazem perceber nuances que o texto sozinho não produz.

A interdisciplinaridade entra no contexto das aulas de língua portuguesa e literatura, em especial, como elemento propiciador da comunicação entre os nós que intermediam essa comunicação entre as disciplinas, mesmo em tempos em que os conteúdos estão cada vez mais especializados e “enlatados”, ou seja, já veem prontos. Nesse ínterim, cabe ao docente conduzir as aulas da melhor forma, lançando mão de metodologias e técnicas que auxiliem essa comunicação.

Por fim, se entende que o projeto pedagógico, pode ser uma opção viável para o ensino de algumas disciplinas mediante o uso do estudo de paisagem, essa paisagem pode ser extrapolada, e vivenciada pelos alunos em sala de aula pela remontagem dos cenários, que na maioria das vezes só pode ser visualizado em mídias pouco atrativas aos alunos que anseiam tanto por algo que seja menos estático e consiga explorar todas as potencialidades que o mundo moderno pode proporcionar.

THE LANDSCAPE STUDY IN PORTUGUESE LANGUAGE LESSONS: AN INTERDISCIPLINARY PROPOSAL

Abstract - The classroom is a territory in constant change, in which the teacher need to have mastery of various techniques, and the content itself to be worked, so that students feel happy

to study. Vive was a troubled time in education, schools and teachers can not monitor the progress seen in society as a whole, and this is reflected in the attitude of the student who already see the classroom as a boring place without much to do with your life. This work proposes a reflection on new ways of working knowledge present in the classroom having a connection with other disciplines, ie, try to leave gradually disciplinary teaching and encourage interdisciplinary practices. Objective of this research: 1) reflect on the concepts of interdisciplinarity; 2) understand how the landscape study may contribute to the Portuguese language lessons in the classroom; 3) present suggestions of how the landscape of education can be used in LP lessons from an interdisciplinary approach. This research is guided by a qualitative perspective of descriptive nature and had as data collection instruments bibliographic analysis in addition to document analysis. This is part of a research developed in the study group on Languages, Cultures and Identities - UFMA, partial conclusions are that with the introduction of landscape study students were able to read details in texts not previously observed.

Keywords: Landscape. Interdisciplinarity. PortugueseLanguage.

Referências

- BAGNO, Marcos. A Inevitável Travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. in: **Língua Materna: letramento, variação e ensino.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BONATTO, Andréia, *et al.* Interdisciplinaridade no ambiente escolar. **IX ANPED SUL**, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática** – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- LASZLO, Ervin. **Macrotransição: o desafio para o terceiro milênio.** São Paulo: AxisMundi, 2001.

PEREIRA, Robson da Silva; CANO, Rogério de Oliveira, coordenador. **Geografia**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática no ensino)

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, 2008, 13.39: 545.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019